# Imprensa

Jornal do Brasil - RJ
15 de Fevereiro de 2008.

O CHÁ – O espetáculo retrata o encontro de três 'socialites' cariocas, em um universo cheio de ostentação

## Sucesso de crítica, 'O Chá' entra hoje em cartaz

Críticas e uma dose de bom humor, essa é a receita de *O Chá*. Estreando hoje no teatro do Sesc Niterói, a peça vem para a cidade depois de ser sucesso de crítica no cultuado festival de teatro de Curitiba, no ano passado.

O espetáculo retrata o encontro de três socialites cariocas que são montadas com seus penteados grandes, maquiagem extravagante, peles e jóias, compondo um visual caricato para retratar esse universo cheio de ostentação e convenções.

Clara, uma mãe extremamente preocupada e controladora; Tânia, uma alta executiva, que vive para os negócios; e Katarina, uma jovem mulher, que descobre que está sendo traída desde o dia de seu casamento, são a personificação de tantas mulheres da sociedade.

A peça é voltada para o questionamento de determinados comportamentos sociais, bem como para as angústias e desejos individuais de cada um. O público irá se identificar de alguma maneira com o que está em palco, mesmo achando um absurdo determinadas atitudes e falas.

Montado pelo grupo Bonecas Quebradas, as atrizes se reuniram para retomar o projeto do espetáculo após sete anos.

No elenco, Carla Soares, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz, que também assina o texto e a direção.

PAIXÃO – Tarzan e Jane se apaixonam mais uma vez nessa adaptação

## Sucesso de crítica, 'O Chá' entra hoje em cartaz

Críticas e uma dose de bom humor, essa é a receita de *O Chá*. Estreando hoje no teatro do Sesc Niterói, a peça vem para a cidade depois de ser sucesso de crítica no cultuado festival de teatro de Curitiba, no ano passado.

O espetáculo retrata o encontro de três socialites cariocas que são montadas com seus penteados grandes, maquiagem extravagante, peles e jóias, compondo um visual caricato para retratar esse universo cheio de ostentação e convenções.

Clara, uma mãe extremamente preocupada e controladora; Tânia, uma alta executiva, que vive para os negócios; e Katarina, uma jovem mulher, que descobre que está sendo traída desde o dia de seu casamento, são a personificação de tantas mulheres da sociedade.

A peça é voltada para o questionamento de determinados comportamentos sociais, bem como para as angústias e desejos individuais de cada um. O público irá se identificar de alguma maneira com o que está em palco, mesmo achando um absurdo determinadas atitudes e falas.

Montado pelo grupo Bonecas Quebradas, as atrizes se reuniram para retomar o projeto do espetáculo após sete anos.

No elenco, Carla Soares, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz, que também assina o texto e a direção.

CULTURA

## Teatro é a melhor opção para o fim de semana

Quatro grandes peças irão estrear em Niterói no começo da temporada pós-carnaval da cidade. As comédias com um quê de crítica social 'Cócegas', com Heloísa Perissé e Ingrid Guimarães, e 'O Chá'; além dos clássicos infantis 'Tarzan' e 'Cinderela'. . **Págs. R4 e P5**.

Correio do Brasil - RJ
14 de Fevereiro de 2008.

**Sesc Niterói retoma temporada teatral com peça sobre colunas sociais**

Uma crítica a comportamentos sociais, com muito humor e figurino extravagante. Estes são os ingredientes da peça "O Chá", que inicia temporada em Niterói após temporada bem-sucedida no Teatro Vanucci. O espetáculo é encenado pelo Grupo de Teatro Bonecas Quebradas e fará apresentações ao longo de três semanas, às sextas e sábados, no SESC Niterói (Rua Padre Anchieta, 56). Com ingressos a preços populares, o público poderá rir e se emocionar com um texto leve e descontraído, além de crítico e sarcástico. A classificação etária é 14 anos.

O espetáculo desemboca na criação de uma cena inédita, provocativa e de perspectiva crítica acerca dos comportamentos moldados por regras sociais rígidas. A peça retrata o "mundinho das socialites" cariocas, que aparecem nas colunas sociais de diversos jornais. Penteados volumosos, maquiagem extravagante, roupas com estampas de animais, peles e jóias compõem esse universo carregado de ostentação e de convenções.

A partir daí, três personagens se delineiam e ganham vida na partitura física e vocal das atrizes. São elas: Clara, uma mãe extremamente zelosa e controladora; Tânia, uma alta executiva, que vive para os negócios; e Katarina, uma jovem esposa, que descobre estar sendo traída desde o dia de seu casamento.

Na busca por retratar o universo dessas mulheres da alta sociedade de forma inusitada e absurda desenvolve-se uma dramaturgia crítica e bem humorada. Voltada para o questionamento de determinados comportamentos sociais, bem como para as angústias e desejos individuais de cada personagem.

A primeira montagem de "O Chá", em 2001 com direção de Matteo Bonfitto, já contava com a participação da atriz e atual diretora, Luciana Mitkiewicz. Atriz, diretora e produtora, Luciana é formada pelo departamento de Artes Cênicas da Unicamp e mestranda em teatro pela Unirio, tendo trabalhado com renomados encenadores do teatro contemporâneo nacional, como Márcio Aurélio, João das Neves, Marcelo Lazzaratto e Renato Cohen.

O grupo Bonecas Quebradas nasceu deste projeto de retomada do espetáculo "O Chá" e conta também com a participação das atrizes Carla Lúcia Soares, Lígia Tourinho e da iluminadora Luciana Liege. Destaque do 16º Festival de Teatro de Curitiba, no ano passado.

Folha Dirigida - RJ
14 de Fevereiro de 2008.

Tempo vago

TEATRO |

## Crítica e bom humor

Uma crítica a comportamentos sociais, com humor e figurino extravagante. Estes são os ingredientes da peça **O Chá**, que estréia este final de semana. No elenco, Carla Soares, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz.

*O Chá*. **Sesc Niterói**. Rua Padre Anchieta, 56, Centro. 2704-2712. Sextas e sábados, 20h. Até 3 de março. R$8

Jornal do Brasil - Niterói
Fevereiro de 2008.

Jornal O Globo - suplemento Clube do Assinante
14 de dezembro de 2007.

Ochá

LAZER

SESC: *Comédia faz crítica a comportamentos sociais*

• Uma crítica a comportamentos sociais, com muito humor e figurino extravagante. Estes são os ingredientes da peça "O chá", encenada pelo Grupo de Teatro Bonecas Quebradas, que inicia temporada no Sesc-Niterói nesta sexta-feira. As apresentações ocorrem às sextas e aos sábados, sempre às 20h, até o dia 1º de março. O Sesc-Niterói fica na Rua Padre Anchieta 56, Centro (2704-2712). O ingresso custa R$ 16, mas comerciários, estudantes e maiores de 65 anos pagam meia-entrada. 14 anos.

SESC: *Comédia faz crítica a comportamentos sociais*

• Uma crítica a comportamentos sociais, com muito humor e figurino extravagante. Estes são os ingredientes da peça "O chá", encenada pelo Grupo de Teatro Bonecas Quebradas, que inicia temporada no Sesc-Niterói nesta sexta-feira. As apresentações ocorrem às sextas e aos sábados, sempre às 20h, até o dia 1º de março. O Sesc-Niterói fica na Rua Padre Anchieta 56, Centro (2704-2712). O ingresso custa R$ 16, mas comerciários, estudantes e maiores de 65 anos pagam meia-entrada. 14 anos.

• Uma crítica a comportamentos sociais, com muito humor e figurino extravagante. Estes são os ingredientes da peça "O chá", encenada pelo Grupo de Teatro Bonecas Quebradas, que inicia temporada no Sesc-Niterói nesta sexta-feira.

CLUBE DO ASSINANTE O GLOBO

## 'O chá': meia-entrada

O encontro de três damas da alta sociedade para tomar chá e botar a conversa em dia é o mote da comédia "O chá", escrita e dirigida por Luciana Mitkiewicz. Carla Soares, Lígia Tourinho e a própria Luciana atuam na montagem, apresentada no Teatro Vanucci, no Shopping da Gávea. De hoje a domingo, os sócios do Clube contam com desconto especial de 50%. A sessão começa às 19h.

JOZÚ

Carla Tausz apresenta monólogo "Jozú, o encantador de ratos", de Hilda Hilst, no Espaço II do Centro Cultural Solar de Botafogo (Rua General Polidoro 180). De hoje a domingo, o cartão do Clube vale desconto de 50% no ingresso.

Para solicitar o cartão de Clube do Assinante ou qualquer outro serviço, acesse o novo site da Central do Assinante da Globo (www.oglobo.com.br/centraldoassinante).

FRANCISCO ALVES — O REI DA VOZ

O musical "Francisco Alves — O Rei da Voz" oferece meia-entrada para os assinantes de hoje a domingo. O ator e diretor Eduardo Cabús interpreta o cantor e compositor no espetáculo, que está em cartaz no Teatro Bibi Ferreira (Rua Visconde do Ouro Preto 78, em Botafogo). Informações pelo telefone 2539-4591.

A RUA DO INFERNO

Divulgação/Beti Niemeyer

## 'O chá': meia-entrada

O encontro de três damas da alta sociedade para tomar chá e botar a conversa em dia é o mote da comédia "O chá", escrita e dirigida por Luciana Mitkiewicz. Carla Soares, Lígia Tourinho e a própria Luciana atuam na montagem, apresentada no Teatro Vanucci, no Shopping da Gávea. De hoje a domingo, os sócios do Clube contam com desconto especial de 50%. A sessão começa às 19h.

Caderno Ilustrada, Jornal Folha de São Paulo
2 de abril de 2007.

Diversão & Arte. Revista Isto É Gente.
9 de abril de 2007



FOLHA DE S.PAULO — SEGUNDA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 2007 — Ilustrada

# Tom social domina cena em Curitiba

## Peças como "Angu de Sangue", no Fringe, e "Besouro Cordão-de-Ouro", na mostra oficial, expõem questões políticas

análise

### Festival dá visibildade à pesquisa

SÉRGIO SALVIA COELHO
CRÍTICO DA FOLHA

Em meio à profusão de propostas do Festival de Curitiba, duas se destacam, ilustrando o que de melhor se espera daquele que se apresenta como "o maior evento das artes cênicas brasileiras". Antes de tudo, por atrair grupos do Brasil inteiro, aqui se espera encontrar notícias de grupos "fora do eixo" que dêem provas de maturidade e competência em contar sua cidade para o mundo. Neste quesito, neste ano se destacou o Coletivo Angu de Teatro, de Recife, com "Angu de Sangue".

Alinhavo de contos de Marcelino Freire, transformados em dez monólogos interligados por recursos diversos como cartas, projeção de vídeo e teatro de animação, o espetáculo atinge um resultado marcante por várias razões. Primeiro, o texto de Freire tem humor certeiro e

**Tragicomédia "Gorilas" flagra um torturador em atividade e "O Chá" mostra decadência da elite a partir de um círculo de amigas**

VALMIR SANTOS
ENVIADO ESPECIAL A CURITIBA

Visto por cerca de 120 mil espectadores, segundo a organização, o 16º Festival de Teatro de Curitiba terminou ontem descortinando boas espetáculos pautados pelas tônicas social e política. Um apanhado do que a reportagem conferiu nas mostras oficial e paralela (Fringe) permite compor o quadro.

Quem passa o recorte é "Besouro Cordão-de-Ouro", espetáculo do Rio, parceria do diretor João das Neves e do compositor e agora dramaturgo Paulo César Pinheiro. É como se esses artistas, de certa forma herdeiros do Centro Popular de Cultura, em 1960/70, atualizassem o espírito da época.

Não cabe mais o discurso pelo discurso: o protesto se dá pela arte, ponto. No caso, a capoeira evocada por meio da história do personagem-título. É um trabalho com um quê de musicais históricos como "Arena Conta Zumbi" (1965). Aqui,

homens no xadrez – tão urgente quanto em 1968, quando foi escrito. O público entra e sai como se numa visita a um presídio e, ao cabo, é impedido por seguranças de aplaudir o infeno urbano que testemunhou.

De Recife, o diretor Marcondes Lima traduziu com igual crueza os contos de Marcelino Freire, luz sobre os mangufos, como dizia Pilnio, do qualquer metrópole (leia crítica ao lado).

Esse estilhaçamento chega ao andar de cima da sociedade, como retrata "O Chá", com o grupo carioca Bonecas Quebradas e direção de Luciana Mitkiewicz. Uma comédia sobre três mulheres das altas rodas que, depois, evolui para o drama como ele é e revela que o buraco é mais embaixo.

O texto-base, "Gorilas", leva a assinatura de Celso Cruz, de São Paulo, com atuação solo de Marcos Suchara, olha no retrovisor da história brasileira. Flagra um torturador em pleno exercício diante da vítima, uma mulher, no dia seguinte à implantação do AI-5, em 1968.

A Companhia Teatro de Demolição, do Rio, dirigida por Gustavo Rocha, foca a repressão. Também alude à ditadura militar era "Catástrofe da Borboleta", dramaturgia colabora-

Esse estilhaçamento chega ao andar de cima da sociedade, como retrata "O Chá", com o grupo carioca Bonecas Quebradas e direção de Luciana Mitkiewicz. Uma comédia sobre três mulheres das altas rodas que, depois, evolui para o drama como ele é e revela que o buraco é mais embaixo.

Diversão & Arte

TEATRO

## A Refeição

**DRAMA** Newton Moreno fala dos extremos nas relações humanas

Dirceu Alves Jr.

Marat Descartes em *A Refeição*: grande destaque no Festival de Curitiba

Um casal (Marat Descartes e Luah Guimarães), no auge do desejo, ultrapassa os limites. Ele morde e engole o dedo daquela que é sua mulher há seis anos. Baixa a luz. Um executivo (Marat) só encontra prazer ao se relacionar com mendigos. Quanto mais imundos, melhor. Baixa a luz. Em uma aldeia indígena, um antropólogo (Marat) convence o sobrevivente de uma tribo (Plínio Soares) a gravar depoimento para perpetuar a língua de seu povo. A partir de três histórias, Newton Moreno criou *A Refeição*, que ganha a direção segura de Denise Weinberg para abordar os extremos a que chegaram as relações humanas. O espetáculo estreia em São Paulo no sábado 7 depois de impressionar no Festival de Curitiba.

Não é segredo que Moreno hipnotiza com a simplicidade. *Agreste* é o exemplo no teatro recente de que, se a palavra tem força, basta colocá-la na boca de um grande ator para que o espetáculo se garanta. E Denise Weinberg, grande atriz que é, valoriza cada uma das intenções de Moreno. Cenário quase inexistente, luz na medida certa e a aposta explícita em Marat Descartes, um dos melhores atores de sua geração. Como o executivo reprimido da segunda e melhor história, Marat dá uma dimensão humana rara ao personagem, quase tão forte quanto sua caracterização para *Primeiro Amor*, que lhe valeu o recente prêmio Shell de ator e foi um dos outros poucos espetáculos a tirar o Festival de Curitiba 2007 do marasmo.

**Lobo do homem** ★★★★

*Sesc Santana – av. Luiz Dumont Villares, 579, São Paulo, tel. (11) 6972-3700. Até 27/5.*

FOCO FESTIVAL DE CURITIBA

## Mostra grande e irregular

Márcio Vito representa *A Sabanceba É o Rigode do Olho*

Curitiba é a maior mostra de teatro do Brasil, e disso não deveria existir dúvida. A 16ª edição, realizada entre 22 de março e 1º de abril, reuniu cerca de 200 espetáculos e convidou para a mostra oficial algumas das peças mais comentadas do País. O que nem sempre significa qualidade ou efervescência, critérios que deveriam prevalecer em um festival.

São Paulo foi bem representada com *Zona de Guerra*, dirigido por André Garolli, e *Primeiro Amor*. Do Rio, vieram sucessos como o monólogo *A Alma Imoral*. O superestimado musical *Sassaricando* não passa de uma sucessão de marchinhas para saudosistas. Aliás, se 2006 foi o ano dos monólogos, esta foi a edição dos musicais. O elogiado *Besouro Cordão-de-Ouro* e *Ai, que Saudades do Lugo* pegaram carona no bonde. Polêmica e incompreendida foi *Boas Peças – Lady Grey*, de Felipe Hirsch, que causou a maior debandada de público vista nas últimas edições de Curitiba.

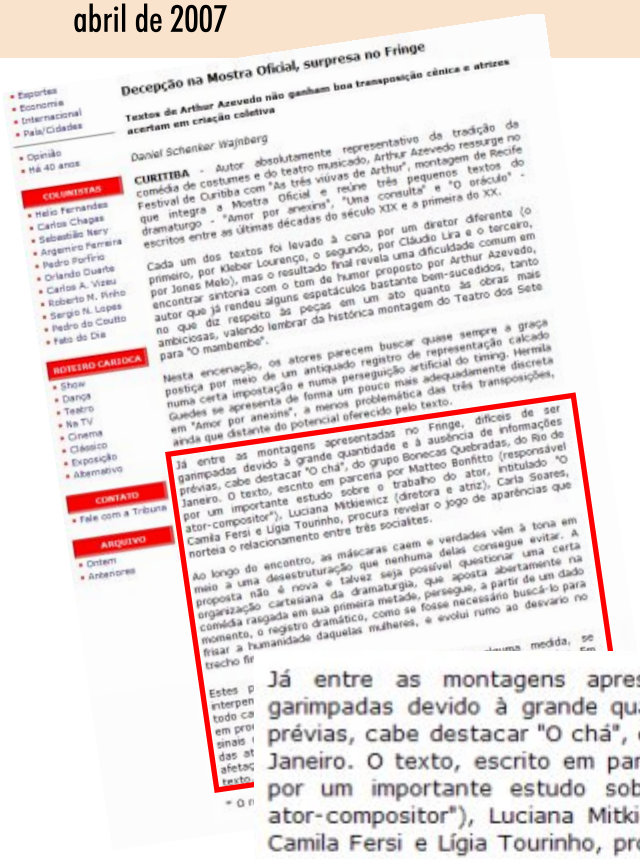
De Pernambuco, chegou o sofrível *As Três Vidas de Arthur*, costura ultrapassada de três histórias de Arthur Azevedo que leva a questionar, mais uma vez, os critérios do festival. E no Fringe, a mostra paralela em que encontrar qualidade é quase como procurar agulha em palheiro, os destaques ficaram com o curitibano *Os Leões*, de Nadja Naira, que não deve passar despercebido, a carioca *O Chá*, dirigida por Luciana Mitkiewicz, que trata o universo feminino com delicadeza, e a descoberta *A Sabuncotha É o Bigode do Olho*, em que Márcio Vito incorpora o Barão de Itararé e mostra à plateia que teatro é diversão com inteligência. (D.A.J.)

a carioca *O Chá*, dirigida por Luciana Mitkiewicz, que trata o universo feminino com delicadeza

Tribuna da Imprensa online
abril de 2007

Caderno C, Jornal Correio Popular, Campinas
27 de março de 2007.

Chá



Decepção na Mostra Oficial, surpresa no Fringe

**Textos de Arthur Azevedo não ganham boa transposição cênica e atrizes acertam em criação coletiva**

Daniel Schenker Wajnberg

**CURITIBA** - Autor absolutamente representativo da tradição da comédia de costumes e do teatro musicado, Arthur Azevedo ressurge no Festival de Curitiba com "As três viúvas de Arthur", montagem de Recife que integra a Mostra Oficial e reúne três pequenos textos do dramaturgo - "Amor por anexins", "Uma consulta" e "O oráculo" - escritos entre as últimas décadas do século XIX e a primeira do XX.

Cada um dos textos foi levado à cena por um diretor diferente (o primeiro, por Kleber Lourenço, o segundo, por Cláudio Lira e o terceiro, por Jonas Melo), mas o resultado final revela uma dificuldade comum em encontrar sintonia com o tom de humor proposto por Arthur Azevedo, autor que já rendeu alguns espetáculos bastante bem-sucedidos, tanto no que diz respeito às peças em um ato quanto às obras mais ambiciosas, valendo lembrar da histórica montagem do Teatro dos Sete para "O mambembe".

Nesta encenação, os atores parecem buscar quase sempre a graça postiça por meio de um antiquado registro de representação calcado numa certa impostação e numa perseguição artificial do timing. Hermila Guedes se apresenta de forma um pouco mais adequadamente discreta em "Amor por anexins", a menos problemática das três transposições, ainda que distante do potencial oferecido pelo texto.

Já entre as montagens apresentadas no Fringe, difíceis de ser garimpadas devido à grande quantidade e à ausência de informações prévias, cabe destacar "O chá", do grupo Bonecas Quebradas, do Rio de Janeiro. O texto, escrito em parceria por Matteo Bonfitto (responsável por um importante estudo sobre o trabalho do ator, intitulado "O ator-compositor"), Luciana Mitkiewicz (diretora e atriz), Carla Soares, Camila Fersi e Lígia Tourinho, procura revelar o jogo de aparências que norteia o relacionamento entre três socialites.

Ao longo do encontro, as máscaras caem e verdades vêm à tona em meio a uma desestruturação que nenhuma delas consegue evitar. A proposta não é nova e talvez seja possível questionar uma certa organização cartesiana da dramaturgia, que aposta abertamente na comédia rasgada em sua primeira metade, persegue, a partir de um dado momento, o registro dramático, como se fosse necessário buscá-lo para frisar a humanidade daquelas mulheres, e evolui rumo ao desvario no trecho final.

Estes perceptíveis movimentos do texto, em alguma medida, se interpenetram, mas a contaminação entre eles poderia ser maior. Em todo caso, "O chá", como sublinham as realizadoras, é um trabalho ainda em processo e, de acordo com o que foi apresentado em Curitiba, já há sinais de um resultado promissor, em especial graças ao desempenho das atrizes, que começam transitando perigosamente pelo mundo da afetação e seguem dando boa conta das transições demarcadas no texto.

cultura/variedades

CADERNO C Campinas TERÇA-FEIRA 27/03/2007 CORREIO POPULAR

TEATRO

Espetáculos Zona de Guerra e A Refeição se destacam no Festival de Curitiba

Canibalismo entra em cena em peça de Newton Moreno

*O Chá* usa do humor para falar da alta sociedade

*O Chá*, montagem do grupo carioca Bonecas Quebradas, traz um texto (de Matteo Bonfitto e Luciana Mitkiewicz) ferino, marcado pela comédia, para falar do cruel em um tipo de classe, no caso, grupo de mulheres da *high society* do Rio. A mescla entre o riso, o cínico e a crueldade crescem com a presença de três ótimas atrizes: Camila Fersi Carla Soares e Lígia Tourinho. As três mulheres estão na cobertura de uma delas, que recebe com pompa para um sarau regado a chá. Elas farão performances bizarras — a primeira canta *Ne me Quite* Pas, tentando imitar Edith Piaf, a segunda faz uma performance de *Hamlet-Machine* de Heiner Miller e, a terceira, leva à cena uma caricata Medéia. Todas ridículas, cientes disso, mas se consolam com os aplausos mútuos. Isso, até uma delas mostrar que, para muito além do chá, há uísque para ser tomado. A segunda também trouxe, assim como a terceira. Ela vão ficar bêbadas e a pompa a circunstância ruirá. Talvez o senão fique por conta de certo exagero, que tange o pastelão. Compreensível se pensarmos que o trabalho ainda está em processo. Bastará enxugar um pouco o excesso para que a peça ganhe o contorno desejável. Mas será, certamente, um dos melhores espetáculos do Fringe neste ano. De Campinas, *Até a Última Gota* completou sua temporada de três apresentações — de quinta a sábado. Teve um público pequeno, mas consistente. Segundo o diretor Heyttor Barsalini (que lança livro hoje no Sesc-Campinas — *leia texto nesta página*), a pesquisa na porta do teatro teve boa aceitação, além de um crítica escrita num veículo local que agradou o grupo. A peça conta a história de um estranho casal — não identifica o tipo de relação que tem — que remete imediatamente a *Esperando Godot*, de Samuel Beckett. Um deles vai partir, enquanto o outro tenta convencê-lo a ficar. Há um estranhamento correto pelo fato de uma mulher (Michele Mozena, também autora do texto) fazer o papel de homem. *Até a Última Gota* ainda carece de certo ritmo adequado, porque trabalha com pausas constantes, mas estas ainda não foram incorporadas ao próprio espetáculo. As pausas são importantes e precisam encontrar sua relevância dentro do espetáculo. (JN/AAN)

*O Chá* usa do humor para falar da alta sociedade

*O Chá*, montagem do grupo carioca Bonecas Quebradas, traz um texto (de Matteo Bonfitto e Luciana Mitkiewicz) ferino, marcado pela comédia, para falar do cruel em um tipo de classe, no caso, grupo de mulheres da *high society* do Rio. A mescla entre o riso, o cínico e a crueldade crescem com a presença de três ótimas atrizes: Camila Fersi Carla Soares e Lígia Tourinho. As três mulheres estão na cobertura de uma delas, que recebe com pompa para um sarau regado a chá. Elas farão performances bizarras — a primeira canta *Ne me Quite* Pas, tentando imitar Edith Piaf, a segunda faz uma performance de *Hamlet-Machine* de Heiner Miller e, a terceira, leva à cena uma caricata Medéia. Todas ridículas, cientes disso, mas se consolam com os aplausos mútuos. Isso, até uma delas mostrar que, para muito além do chá, há uísque para ser tomado. A segunda também trouxe, assim como a terceira. Ela vão ficar bêbadas e a pompa a circunstância ruirá. Talvez o senão fique por conta de certo exagero, que tange o pastelão. Compreensível se pensarmos que o trabalho ainda está em processo. Bastará enxugar um pouco o excesso para que a peça ganhe o contorno desejável. Mas será, certamente, um dos melhores espetáculos do Fringe neste ano. De Campinas, *Até a Última Gota* completou sua temporada de três apresentações — de quinta a sábado. Teve um público pequeno, mas consistente. Segundo o diretor Heyttor Barsalini (que lança livro hoje no Sesc-Campinas — *leia texto nesta página*), a pesquisa na porta do teatro teve boa aceitação, além de um crítica escrita num veículo local que agradou o grupo. A peça conta a história de um estranho casal — não identifica o tipo de relação que tem — que remete imediatamente a *Esperando Godot*, de Samuel Beckett. Um deles vai partir, enquanto o outro tenta convencê-lo a ficar. Há um estranhamento correto pelo fato de uma mulher (Michele Mozena, também autora do texto) fazer o papel de homem. *Até a Última Gota* ainda carece de certo ritmo adequado, porque trabalha com pausas constantes, mas estas ainda não foram incorporadas ao próprio espetáculo. As pausas são importantes e precisam encontrar sua relevância dentro do espetáculo. (JN/AAN)